


□ procedimientos

Procedimientos pedagógicos





Nesta seção do *Caderno de Registro Macu*, o professor Lucas De Lucca apresenta uma ferramenta ainda pouco utilizada na prática docente: a Avaliação 360°. Criada na década de 1980 por especialistas em recursos humanos, ela propõe a descentralização da prática avaliativa nas relações de trabalho.

Para partilhar as possibilidades do uso dessa ferramenta enquanto procedimento pedagógico, Lucas relata sua experiência em sala de aula com a aplicação dessa forma de avaliar. E o artigo do professor assim reflete sobre as implicações desse recurso no processo de criação de uma turma de PA2.

Avaliação 360°: um caminho para uma avaliação global

POR LUCAS DE LUCCA

A Avaliação 360° traz percepções diferenciadas ao grupo e ao professor. Creio que essa estrutura vem para forjar melhores formas de observar o processo em diferentes âmbitos e olhares.

Em linhas gerais, a proposta da Avaliação 360° é descentralizar a forma de avaliação unilateral do professor-aluno e assim potencializar também a avaliação aluno-aluno, professor-aluno e aluno-professor. Na verdade, abrindo os olhares dos integrantes, também o professor é foco desse olhar, podendo a qualquer momento ser avaliado, assim como, concomitantemente continuará avaliando seus alunos. Porém, nessa proposta, estará mediando avaliações dos alunos para si e entre os colegas de trabalho.

O caminho para se chegar à Avaliação 360°, em minha opinião, depende de certo cuidado do professor para firmar uma atmosfera mais ativa, investindo bastante nas reflexões sobre qual é a função e o valor de cada indivíduo dentro da dinâmica do grupo.

Para um grupo sadio, em minha opinião, precisamos entender as peculiaridades individuais e nessa compreensão de cada indivíduo (que é uma parte do todo), incentivar o olhar para o outro. Isso está de fato em declínio atualmente. A alteridade vem sendo facilmente substituída pela individualidade. E sabemos bem, ambas são fundamentais para o ser; e ainda mais, num ambiente escolar, já que, quando se observa o processo do outro, aprofunda-se a própria trajetória do observador.

Para se chegar à etapa de divisão dos parceiros de observação, tracei alguns procedimentos os quais venho partilhar nesse terceiro “Caderno de Registro”.

Primeiramente, junto desses jovens alunos, que estavam em sua primeira montagem, no segundo semestre de 2012, firmei uma atividade na qual coletivamente deveriam em grupos, movidos por um tema, construir uma instalação que afetasse o receptor de várias formas sensoriais. E após todas as observações individuais, pedi para que refletissem sobre quais são as habilidades que o ator em sua arte, tal como o artista plástico (foco da atividade desenvolvida), deveria desempenhar na Arte do Teatro.

Munidos de uma folha de papel em branco, um pincel e uma grande sorte de cores de tinta guache, foram traduzindo naquela pequena tela de sulfite, em apenas uma palavra, suas convicções.

E assim chegaram as seguintes sínteses:

A. A.¹: ALIMENTA

A. M.: ESSÊNCIA

J. B. : CRIATIVIDADE

G. S. : SENTIMENTOS

M. P. : PROVOCAR

M. R. : VISÃO

M. C. : OBRAS

N. S. : FORMA

S. M. : ENERGIA

T. D. : FÚRIA

V. F. : REFLEXÃO

1 As letras a frente das palavras são abreviações das iniciais dos nomes dos alunos.

Após essa atividade, fomos para o momento de construir os combinados do grupo. Dentre os vários tópicos, provoquei-os com o compromisso de durante todo o processo promover no grupo e em cada integrante as respectivas palavras que viam como convicção num ator.

Essa foi a primeira estratégia para se sentirem atuantes e responsáveis no grupo, foi um momento para entenderem a importância que cada um tem dentro do grupo e como cada um colabora com um ingrediente para aquele conjunto de pessoas.

A seguir, estimulados pela fotografia, solicitei que cada um ressignificasse seu trajeto cotidiano, o caminho para se chegar ao Macunaíma. Ou seja, através de cinco fotos, deveriam apresentar ao grupo um pouco de si e das imagens desse trajeto.

Na maior parte das vezes, simplesmente passamos e não apreciamos um caminho qualquer em nosso dia-a-dia. Essa provocação forçava-os a olhar de forma mais atenta algo que já perdera a afetividade. Porém, outro ingrediente importante para essa atividade foi o “olhar de lagartixa”. O que vem a ser isso? Cada um deveria buscar um ângulo diferente desse caminho, tal como a lagartixa que encontra inúmeros ângulos de uma mesma paisagem.

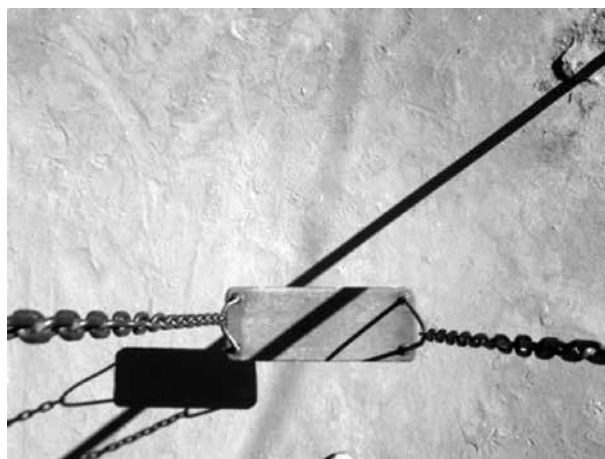
Assim, além de serem indivíduos que desempenhavam funções dentro do grupo, agora, também dividiam com os colegas suas paisagens e reflexões sobre um novo olhar do seu cotidiano.



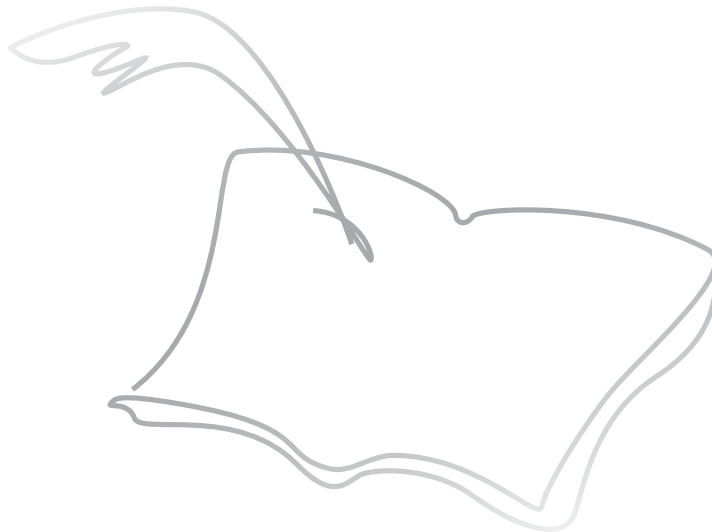
Uma grade e o mato no caminho de G.S.



Árvores se tocando. Foto de T.D.



Balanço de parque infantil. Captada por M.C.



Focado justamente nas diferentes formas de se olhar uma mesma paisagem, passei para o ponto de, após entenderem a força e a forma de se olhar, começarem a aplicar isso entre eles mesmos.

Na dinâmica de divisão dos parceiros de observação, resgatei as palavras que foram pintadas nas folhas sulfite, e, após uma dinâmica corporal em que cada palavra foi fixada na parede. E, inspirado agora na dança, essas pinturas deveriam afetar esse ator-aprendiz e gerar movimentos e sensações.

Assim, após todo esse vivido, após experimentar a versatilidade do artista plástico, a sensibilidade do pintor, a ousadia do fotógrafo e, agora, a tradução do dançarino da sensação em movimento, queria que eles percebessem que justamente o ator não só vive numa arte total, haja vista, englobar as outras artes, mas que também em seu processo pode se munir de inúmeros estímulos para sua criação, para sua autonomia, autoria e sua função em um grupo.

Agora sim, sentia-os maduros e coesos para começarem a ressignificar seu próprio ambiente estudantil e assim exercitar a difícil tarefa de observarem uns aos outros e a tão complexa empreitada de como traduzir para o outro suas percepções sem magoá-lo, sendo a inteligência emocional tão cara aos grupos de teatro.

Ao explanar sobre como aconteceria a Avaliação 360°, expliquei o fato de que não julgariam questões técnicas, afinal, isso competia única e exclusivamente ao professor, mas sim, abordariam

as questões atitudinais. Pedi para que escolhessem um colega que gostariam de observar e auxiliar durante o semestre (“Quero olhar para...”), e numa segunda etapa, pedi para que escolhessem um colega diferente do primeiro, por quem quisessem ser olhados e auxiliados (Quero ser olhado por...).

Dessa dinâmica surgiram as seguintes parcerias de observação:

	1º Parceiro (escolheu)	2º Parceiro (foi escolhido)
	Quero olhar para...	Quero ser olhado(a) por...
A. A. :	V. F.	A. M.
A. M. :	J. B.	V. F.
G. S. :	S. M.	M. R.

Assim, observem que uma malha de observação foi construída e uma rede de auxílio foi se estruturando naturalmente na história desse grupo.

Num primeiro momento, essa estratégia foi bastante útil para que se ajudassem. Pois, diante das faltas que podem acontecer em quaisquer disciplinas recorriam aos seus parceiros para saber como tinha sido o andamento da aula. Ou ainda, diante da falta de entendimento de uma matéria, começavam a se apoiar em seus parceiros para vencer as dificuldades.

E, um pouco depois dessa fase das atitudes, passamos para as observações e devolutivas entre os colegas e desses para com o professor. Pedi que numa folha de papel, em casa, discorressem sobre as seguintes questões:

1. O que meu parceiro faz bem que deve continuar fazendo?
2. O que ele faz mal e deve parar de fazer?
3. Em quais ações me comprometo para ajudá-lo nessa mudança?

Isso claramente desafiou-os a transpor para as linhas do papel não só suas observações, mas como anunciá-las ao colega; e principalmente, a promover ações para efetivamente auxiliar o outro. Ou seja, seria apontado no parceiro questões atitudinais, mas possíveis auxílios que dependeriam desse companheiro, que recebeu uma devolutiva, construir um caminho de mudança.

Munidos dessas reflexões escritas, cada um trocou com seus parceiros essas observações e, em aula, receberam uma folha com as seguintes questões:

AVALIAÇÃO 360°

Autoavaliação

1. O que eu estou fazendo bem que devo continuar fazendo?
2. O que eu estou fazendo mal, que devo parar de fazer?
3. Quais são as estratégias que traçarei para ocasionar a mudança?
4. Como analiso a minha trajetória nesse processo de montagem?

Tais perguntas foram respondidas e entregues, juntamente com a reflexão de seus parceiros, ao professor. Nesse momento, o papel do professor se faz fundamental, pois além de ler todo esse material, deve intermediá-lo junto de cada aluno para

que filtre as observações.

E através disso, pode reiterar o que foi escrito pelos colegas, ou ainda, apontar outros fatores que pode avaliar através de seu olhar docente no quesito atitudinal. E também, após o aluno autoavaliar sua trajetória no processo, na questão 04, o professor pode opinar sobre a questão técnica.

Confesso que foi uma experiência muito interessante, pois além de dar as devolutivas individuais no meio do semestre, promovendo assim uma avaliação nessa metade de processo, pude lançar novos desafios no que tangia às personagens.

Essas haviam sido distribuídas há algum tempo. E dessa forma pude dar cabo tanto do campo técnico quanto dos desafios atitudinais com o apoio e auxílio dos integrantes.

Foi bem motivador observar as estratégias que foram se instituindo entre eles para alcançarem os desafios apontados, e, nesse momento, pouco importava se havia partido do professor ou de um colega. Era o grupo que, no ato de se olhar, traçava necessidades apontadas por cada integrante. E, com isso, cada pessoa poderia se dedicar para, seja mudando ou auxiliando a mudança do outro, potencializar o todo do grupo.

Lucas De Lucca é formado em Artes Cênicas pela Universidade Estadual de Londrina e professor do Teatro Escola Macunaíma desde 2003. ■